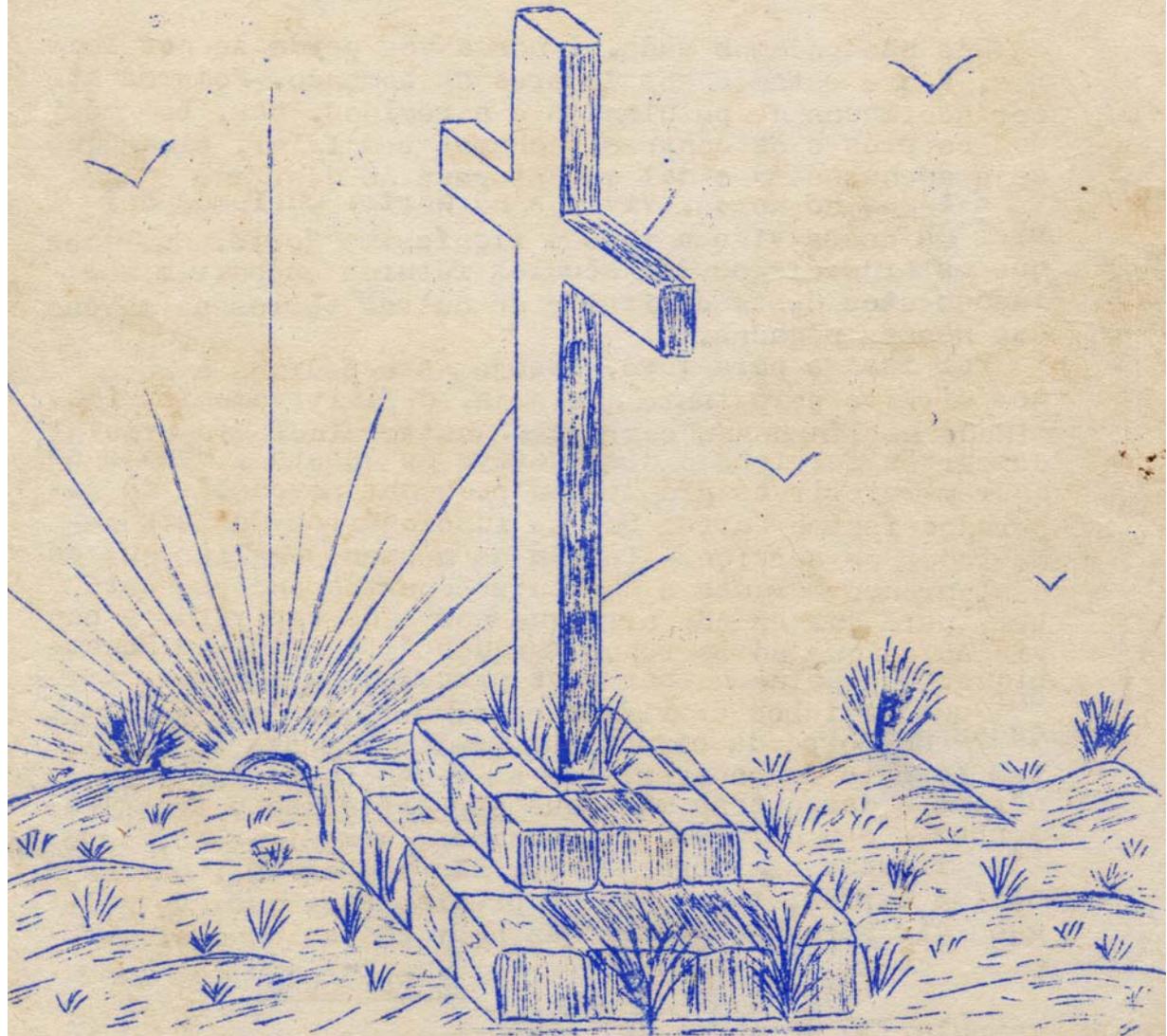


8/

ARREBOL



Editorial

Nós não podemos nada. A nossa voz perde-se nos longes, a que estamos dos lugares de comando. Podemos até ser acimados de petulantes e atrevidos. Mas, bem medidos os prós e os contras, achamos bem falar, ainda que seja apenas como o tal que pregava no deserto.

Estamos no Norte. Vivemos no Norte. Queremos dar ares da nossa vida a todo o riquíssimo Norte. Queremos que os arqueólogos dos séculos futuros encontrem nos fundamentos desta capital e de outras terras as marcas das nossas pégadas.

Por isso e para isso, desejamos e pedimos a quem tem direito para tanto que seja, definitivamente, iluminado na linguagem corrente e na terminologia oficial de certos serviços o designativo de "costa", quando se querem referir às grandes ou pequenas povoações do esperançosíssimo Norte. Que os funcionários do Estado— em todos os serviços—tenham as mesmas regalias que os de Lourenço Marques e das outras partes onde se está bem, para que se não arreigue nos seus espiritos a convicção de que só Lourenço Marques é "terra", em Moçambique. Que pelas nossas ruas circulem autocarros, a dar uns arzinhos de vida a estas artérias tão bem lançadas no corpo da cidade que, sem movimento contínuo, tem aspecto de cadáver. Que as criancinhas das funcionárias e das outras mães que são obrigadas a trabalhar tenham o seu Jardim de Pequeninos, bem dirigido, onde elas fiquem, nas horas em que não tenham mãe. Que haja, nestas terras, tudo o que é preciso para que não julguem vir para a costa os que aqui são colocados!

A REDACÇÃO

Nampula, 30 de Abril de 1955

Castigo Justo

Havia já muitos anos que aquele homem aparecera na aldeia. De aspecto carrancudo, não ganhou simpatias, e todos o olhavam com desconfiança. Dizia-se vindo do Brasil. Nada mais se sabia dele.

Comprara uma casa no extremo da aldeia, e ali passava os dias, não convivendo com ninguém. Arranjara uma velha criada que lhe cuidava da casa e lhe preparava as poucas refeições. Pela boca dela, o povo soube que o seu amo era muito avarento, e que passava o dia encerrado no quarto, saindo só à noite, para vir comer um caldo de couves.

Tendo coração de pedra, recusava uma pequena esmola a qualquer pobre que batesse à sua porta. Se o desgraçado insistisse com lamúrias, batia-lhe sem dó nem piedade com a tranca da porta. Pelo que ficou sendo conhecido em toda a aldeia pelo nome de "brasileiro avarento", e, muitas vezes, as mães, para terem os filhos sossegados um instante, ameaçam-nos dizendo-lhes "Levo-te a casa do brasileiro."

Uma noite, já quase toda a aldeia estava adormecida, quando se começou a ouvir gritar: "Fogo! Fogo!"

E imediatamente o sino da igreja começou a tocar a rebate. - Onde é o fogo? Onde é o fogo? - ouvia-se gritar por todos os cantos. E depressa se soube que era para os lados da casa do brasileiro avarento.

Em magotes, o povo correu para lá. O fogo era, efectivamente, na casa dele. Estava quase toda cercada pelas chamas que alastravam velozmente.

Com o calor que fazia no quarto, o avarento acordou sobresaltado e levantou-se. Saiu para o corredor e viu que havia fogo em casa. Rapidamente, correu para uma porta e a-

Briu-a. Entrou num pequeno quarto. Febrilmente, ajoelhou-se aos pés dum armário e abriu-o. Perante os seus olhos esbugalhados surgiram maços e maços de notas. Com ânsia começou a agarrar neles e a metê-los nos bolsos, ao mesmo tempo que dizia:

Não podes ficar aqui!

Era já tarde demais. O fogo consumia a casa toda. Impossível fazer-se alguma coisa.

O avaro encontrava-se ainda na sua tarefa, quando verificou atrás de si um estrondo. Aterrado, virou-se e viu que a porta e grande parte da parede desabarara e que um mar de chamas avançava para ele. Em breve estas cercaram-no, e pegaram-se-lhe à roupa.

Socorro! Socorro! - gritou desesperadamente o avaro, ao mesmo tempo que caía no chão. Na sua queda arrastou alguns maços de notas, vorazmente queimados pelas chamas que continuaram a sua obra de morte.

—Socorro! Socorro!—gritava o avaro que, desesperadamente, se debatia no mar de chamas, procurando a salvação. Cego pelo fumo e pela cinza, foi de encontro ao armário onde estava o dinheiro. O armário caiu sobre ele.

—Socorro! Socor...! A este grito de agonia, respondeu somente o crepitar das chamas devoradoras e o desabar das paredes.

No dia seguinte restava da casa do avaro um montão de ruínas.

Quando revolveram escombros ainda fumegantes, encontraram debaixo de madeiras meio queimadas, o corpo horrivelmente carbonizado do avaro de mistura com montões de cinzas.

O sórdio amor...unira o avaro e o dinheiro num grande abraço, até ao fim.

António Coelho

(5º Ano)

Nampula, 28 de Abril de 1955

Contadinho!!!

Pelo título poderá julgar-se que vou prantear as desgraças dalgum pobre diabo, com palavras sentimentais, terminando por atacar a sociedade, a única culpa da de todos os males, de todos os crimes!!!

Não! O assunto que vou tratar é muito mais transcendente, muito mais fora do vulgar! É muito mais grave, sem dúvida!!!

A direcção deste jornal, tem vindo a afirmar que, o que os seus "precoces" colaboradores escrevem, é de sua única e exclusiva lavra. E assim tem sido, na verdade, ou melhor, tinha sido, até que...

Bem, mas expliquemos os factos:

No último número (7), apareceu uma poesia (não estava nada má!), que deu origem a certas suspeitas. Ao ler determinadas frases, pareceu-me que já as tinha visto em alguma parte.

Peguei nos livros todos que tenho em casa, e em recortes de jornais; procurei, passei as noites em claro, e já tinha desesperado de encontrar alguma poesia que tivesse servido de base à "A prisão do inocente", até que, eureka, folheando por acaso o livro de leitura do 2º ciclo, dei de cara com um soneto extraordinariamente parecido com o famigerado poema.

Pus-me a fazer comparações. Analisei tudo muito bem e, depois de uma noite de vigília, cheguei à conclusão de que "A prisão dum inocente", era, de alguma forma, plagiato do soneto "Da prisão a um amigo" de D. Francisco Manuel de Melo. Realmente, quem comparar as sobreditas poesias, facilmente encontrará marcadas analogias. Obra dá acaso? Não o creio. A poesia apresentada pelo poeta do "ARREBOL" é uma imitação mais ou menos disfarçada, do soneto do autor dos Relógios Falantes.

Em vista deste procedimento por parte duma pessoa que tem responsabilidades dentro da Académica, não pos

se dizer mais do que. "Coutadinho!"—como diz o "poeta" no fim do seu poema (e a melhor é esta: é que o coitadinho do poema também se encontra no soneto— com a diferença de que aparece só uma vez.)

Temos que nos convencer de que não é poeta quem quer. Porque havemos de tentar enganar os outros, apresentando como nosso o que não nos pertence? O nosso jornal tem certas responsabilidades. Já não foram poucas as pessoas que duvidaram da originalidade dos nossos trabalhos. Contra essas pessoas, levantámos a nossa voz e protestámos ruidosamente, porque tudo o que aqui aparece (embora modesto, como muitas vezes afirmámos) é de nossa e exclusiva autoria.

Por isso, não podemos deixar de verberar, publicamente, o procedimento do nosso colaborador, ao qual manifestamos o nosso descontentamento e a nossa funda mágoa, por sermos obrigados a escrever estas linhas.

Não exigimos obras primas; queremos é que tudo o que nos enviarem seja original.

É só isso o que pedimos. É só isso o que impomos.

UMA SOMBRA DE
D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

SUMÁRIO

ARREBOL

EDITORIAL-----	2	DIRECTOR: Arnaldp Leal
CASTGO JUSTO-----	3	EDITOR: Fernando Gil
COUTADINHO!!!-----	5	ADMINISTRADOR: Rui de Bivar
CENTELHAS DE VIDA----	7	Pinto Lopes
POESIA-----	8	REDACÇÃO: Colégio-Liceu
OS GRANDES-----	10	
A SEMANA:-----	12	

VASCO DA GAMA

.-NAMPULA-

ILUSTRAÇÕES: António Coelho

Boletins de vida

Realizou-se no último dia 28 do corrente mês a reunião da Direcção da A. A. N., tendo-se discutido vários assuntos:

—Primeiramente, analisou-se o caso dos jogadores da Académica inscritos em futebol pelos vários clubes de Nampula. Ficou assente que todos podem representar qualquer clube, desde que apresentem um documento que lhes permita voltar para a Académica, logo que esta assim o desejar.

—As reuniões da Direcção da Académica foram transferidas para as sextas-feiras, às 16 e 15.

—Resolveu-se começar com treinos de Voleibol.

—Para esclarecimento de todos os associados, informamos que os dias de treino das diversas modalidades são os seguintes:

BASQUETEBOLO:

Quartas e sextas: para os mais velhos;

Segundas: para os miúdos.

VOLEIBOL:

Segundas e terças: para os mais velhos;

FUTEBOL:

Sábados: treinos para os mais velhos.

—Resolveu-se também enviar o "ARREBOL" para:

—à Redacção de "A Voz de Minerva", Liceu Salazar, Lourenço Marques.

—Ao Instituto D. Gonçalo da Silveira, Beira.

—Ao Colégio Nun'Alvares, Quelimane.

—A Redacção do "Notícias"? L. M.

—A Redacção do "Diário de Lourenço Marques" L. M.



P o e

EXILIO

Terra minha,, doce berço
Nesse meu primeiro dia
Doce lar, triste lembrança
Mundo de oiro...fantasia.

Aqui, nestes céus longínquos,
Como desterrado,
Vivo eu desengano
De que trocando uma mãe
Não trocava uma vida
Que aí, nesse paraíso,
Só aí, nota bem,
Seria sempre florida!

Triste pesar.
Já é tarde,
Para poder voltar.
Mas de amor o fogo inda arde
Até tua saudade me matar.

Ó abençoada terra,
Se, dentro deste peito renegado,
Deste peito que por aqui erra,
Não existe um coração
De amor varado,
Valera mais o Inferno,
E toda a espécie de tormento,
A esquecer-te,
Nem que fósse só um momento...

POLIBIO
FLOR
(5º ANO)

S i a

Só...

Que negra dor tão forte e sem vontade
Eu sinto, dentro, pelos meus ideais vagos,
Enquanto rezo à minha divindade
Sobre as pedras que absorvo em fundos tragos.

—O minha mãe que, logo em tenra idade,
Me deixaste só, triste, sem afagos:
Ouve deste teu filho com piedade
Ais que à morte disseste serem pagos.

Mãe, só tu, de amor cheia e coração,
Se era infeliz, em horas pecadoras,
Vinhas a mim e tinhas compaixão.

—Amigo meu que ainda tens mãe e a adoras,
Olha-me e diz: "Não chores, meu irmão".
Porque estou só, no mundo onde tu moras.

POLÍBIO
FLOR
(5º ANO)

OS GRANDES

A LIÇÃO DE MOUZINHO

Passará, no próximo mês de Novembro, o 1º centenário da morte de Mouzinho de Albuquerque. Por esse facto, vi-mos aqui falar desse homem ilustre que pode emparceirar, sem desdouro, ao lado dos "barões assinalados", que Camões cantou.

Sem sombra de dúvida, Mouzinnno foi um grande. Militar valoroso, com um golpe de audácia e valentia, conseguiu prender o Gungunhana, que hostilizava a politica portuguesa, auxiliado por países estrangeiros, inimigos de Portugal.

Mas, acima de militar ilustre, Mouzinho foi homem de carácter, numa época em que, reinava a dissolução por toda a parte. A sua figura gigantesca ultrapassa, moralmente, a de todos os homens do seu tempo.

Alheio a todas as influências, não se exímia de criticar aqueles que, hieràrquicamente, lhe eram superiores.

Quando pediu a demissão de Comissário Régio de Moçambique, escreveu ao ministro José Luciano de Castro, uma carta cheia de altivez: "Nunca fiz promessas palavrosas nem falsas lisonjas, nem tão pouco me envolvi em compromissos deprimentes, nunca tive de falsear a verdade para disfarçar a realidade dos factos." E acrescentava mais abaixo:

"A minha superioridade consiste em ter só uma cara. E deixaria de a ter se aqui ficasse."

Palavras admiráveis de um Homem, que prezava a verdade acima de tudo. Palavras de Alguém que, por ter a consciência tranquila, nada temia.

Em todos os grandes homens, há, geralmente, na intimidade, um ponto fraco.

Mas, à medida que vamos conhecendo mais de perto a vida deste ilustre Português, mais motivos de admiração encontramos.

Mouzinho, não era só homem de carácter; era também homem bom, constantemente preocupado com os seus semelhantes, em particular com os companheiros das lutas de África.

A prová-lo, temos uma carta que dirigiu ao Cande de Arnoso, a pedir que el-rei concedesse, como recompensa do aprisionamento do Gung'hana, protecção à família de Caldas Xavier, morto em Lourenço Marques.

Devemos prezar, pois, a figura de Mouzinho de Albuquerque, porque, numa época em que os homens esqueciam amiúde os seus compromissos, soube manter linha de conduta inalterável—tendo sempre presentes a Verdade e a Honestidade.

Recordemos este grande Português—agora que se aproxima o 1º centenário do seu nascimento—para lhe seguir o exemplo, porque também nós temos um carácter a temperar.

Quartin Costa

DA ADMINISTRAÇÃO:

Apesar de aumentada em quatro páginas, a revista continuará a pedir o mesmo aos seus leitores. Pelo menos, em regime de experiência. Agradecem-se no entanto, as generosidades dos amigos que queiram dar qualquer coisa, quando nada se lhes pede ou quando se lhes pede só a metade. Falamos aos colaboradores e aos sócios da Académica.

Nampula, 30 de Abril de 1955



A SEMANA

APONTAMENTOS SOBRE PINTURA

Há dias, ouvi um comentário dum colega meu que me deixou deveras contrariado.

Dizia ele que não sabia compreender como havia pessoas que podessem apreciar a pintura antiga, que era "bota de elástico", etc., etc...

E acrescentava que a pintura moderna é que tinha atingido o ideal da verdadeira pintura.

Segundo dizia, gostava muito do cubismo e, portanto, das baralhadas e imitações à Picasso.

A meu ver, essas "picassadas" só são vendidas a pessoas de muitos haveres e que, não tendo cultura suficientemente desenvolvida, as compram somente para mostrar que possuem dinheiro e são amigas da arte.

Na história da pintura, ficaram gravados muitos nomes célebres, como o Da Vinci, e Rubens. Picasso será um desses nomes, talvez por ser o primeiro. Os seus "macaqueadores", porém, não têm o que ser glorificados com a imortalidade, porque a pintura futurista, tão do agrado do tal meu colega (ele é livre nas suas opiniões...), não é "bela arte", no sentido comum da palavra. Pois que "as artes chamam-se belas artes, porque o seu único objecto é produzir a emoção desinteressada da beleza, sem respeito pela utilidade do espectador ou do artista" (Cousin). As "picassadas", segundo me parece, podem é servir para desenvolver o instinto característico dos autores e dos admiradores e nunca para falar à sensibilidade educada de quem quer que seja.

A. Howel de Mendonça
(3º Ano)

U M S Á B I O

Está de parabéns toda a humanidade: foi descoberta a vacina contra a poliomielite.

Foi o cientista inglês, Dr. Salk, que, depois de dez anos de tentativas, conseguiu, por fim, vencer doença tão terrível.

Este flagelo, que assolava quase toda a humanidade, foi por fim dominado.

Durante anos, o mundo seguiu, interessado, todos os progressos no campo da ciência e rejubilou, quando foram comunicados os resultados.

A Rainha Isabel condecorou o cientista e, em homenagem e para que nunca fosse esquecido, pôs o nome à vacina: Vacina Salk.

Todo o mundo encomendou para a Inglaterra, onde está o laboratório do cientista, muitas quantidades da vacina. Mas, enquanto este cientista lutava para salvar a humanidade, lutavam outros para exterminá-la: bomba atômica e de hidrogénio...e mais e mais!

Vitor Mendes.

(5º Ano)

F O N T E S S E C R E T A S

Acontece, por vezes, ouvir-se qualquer dito que nos desperta a curiosidade, pelo que pedimos, sôfregamente, pormenores acerca do facto narrado.

Depois de tudo sabermos, contamo-lo, por nossa vez, a outros interessados. Eles, iguaizinhos a nós, pedem-nos explicações para perceberem melhor e interrogam para saberem mais.

Ora, o que acontece amiúde é que a nossa sabedoria não chega para saciar a grande curiosidade do nosso interlocutor. Inventam-se mais circunstâncias interessantes, acrescentam-se uns pontos...E o facto começa a correr o mundo, crescendo sempre. E, deste modo, mesmo antes de uma coisa acontecer, já é conhecida por toda a gente.

(cont.no verso)

Foi o que sucedeu com os hoquistas Lourençomarquinos que andam na Metrópole a fazer boa figura, não há duvida. Mas os seus admiradores, com a ideia de os levantarem ainda mais, chegam a relatar factos que ainda se não realizaram, como por exemplo, o desafio entre os Laurentinos e os de Sintra.

Segundo uns,,haviam ganho o desafio.

Madureira

(3º Ano)

PASSEIO DE TRISTES

É de estranhar que, neste pequeno meio de Nampula haja tanta desconfiança entre as pessoas. Quem vem da Metrópole julga vir encontrar o mesmo convívio que tinha antes ou outro ainda maior. A desilusão é por isso enorme. Sobretudo em África, sentimos a necessidade do convívio social. E aqui sobretudo é ele desprezado.

De facto, que vemos nós aí falar pelas ruas? O bastante para tirarmos uma conclusão desoladora. Encontram-se, passo a passo, pessoas arrogantes, de categoria inferior, que se desprezam de andar com os outros...de posição mais baixa.

Essa atitude é tão notória e tão bem tomada que quem não conhece a vida de tais pessoas os julga importantes

Mas, mais dia menos dia, tudo se sabe, e a gralha despe as penas do pavão.

Assim, renegados uns dos outros, vivemos mais mal que os pretos.

Quando todos sentirem a necessidade de viver em comum, talvez seja tarde...

Entretanto, para limparmos a nossa testada, procuraremos viver em paz, em boa harmonia uns com os outros. Esforcemo-nos por dar a Nampula a nossa quota parte na criação de um ambiente português: de confiança, de mútuo respeito, sem a frieza dos "tristes e sós", que fazem da Capital do Norte um "passeio de tristes".

POLÍBIO FLOR

(5º ANO)

DIÁLOGO DA SEMANA II—

Vem um bêbado na rua, todo desfigurado, andando aos trambolhões, e contra o trânsito. Acerca-se dele o polícia.

Polícia—Psit! Psit! Eh! O senhor não vê que vai a andar contra o trânsito?

Bêbado—Vejo...vejo muito bem...mas, se eu for por este lado, porque é que o trânsito não há-de ir pelo outro?

P.—O trânsito não é livre! Tem de obedecer a certas regras, leis, ordens superiores! Compreende?

B.—Não, não compreendo. Então, se tem que obedecer, porque não me obedece a mim? Eu agora é que faço as ordens!

P.—(Atencioso) E quem é vossa excelência? Por acaso, alguém de importância? Sim, se faz ordens, é porque deve ser...

B.—Pois claro! Eu sou alguém de importância! Sou o provador-mor dos vinhos em Portugal, na Espanha, no Mundo, no Mundo!!! Ouviu bem, sô guarda!!!

P.—(Desconfiado) Ah! bem me queria parecer. Assim pelos modos como vinha...quase a cair... E a sua identificação, não a traz por acaso, vossa excelência?

B.—A identificação não a trago, mas dá-ma a minha mulher com uma vassoura nas costelas, quando chegar a casa.

P.—Mas a sua senhora é capaz disso? Se quer acompanhá-lo-ei, guardá-lo-ei...

B.—É capaz disso e de muito mais! Mas o melhor é guardar-se a si próprio, de contrário seria capaz de levar também alguma vassourada, que ficava de cama um mês.

P.—E vossa excelência não tem medo?

B.—É hábito...é tudo questão de hábito...e sabe Deus quanto me tem custado a habitur-me.

P.—(lastimoso) Calculo! Calculo!

B.—Deixemo-nos de cálculos, sô guarda, que eu só de pensar o que me vai suceder, quando chegar a casa, até

parece que vou a andar de lado...não acha... ó sô guarda?

P.—Dá a impressão que vai bêbado!

B.—Qual quê?! Qual bêbado!! Então o sô guarda acha que o provador-mor se embebeda tão facilmente?!

P.—(olhando atentamente para a cara do bêbado) Mas ...olha quem ele é?! Bom beberrão me saíste amigo "Cara de Bolacha". E que bem disfarçado me apareceste! Não te reconhecia!

B.—Mas o sô guarda já me conhece?

P.—Você é mais que conhecido. Com que então "Provador-mor dos vinhos do mundo!?"

P.—E eu a tratá-lo por "excelência".

B.—E isso era demais, para mim... para a minha categoria... Sim,—porque eu sou Provador-mor.

P.—Bem bruto fui!

B.—Isso agora é que é verdade!

P.—Pois, vai-me andando para o xilindró, seu "Cara de bolacha" ou "Bola de borracha" ou lá o que te chamam!

B.—Isso agora é que já é ofender cá o rapaz!

P.—Ai, é?! O que tu queres é conversa. Mas anda mais depressa, que te quero mostrar o sol aos quadradi-nhos!

B.—Isto é a brincar, sô guarda! Mas agora sério: o sô guarda...vai-me levar para a prisão?

P.—Pois claro que vou!

B.—Obrigadinho, sô guarda! Obrigadinho! É muito preferível passar lá uma ou duas noites, do que ir para casa...e levar uma "tarefa" da minha mulher... que me deixaria doente por cito dias.

BRAÚLIO ROSA FLOR
(5º ANO)

